



**Sábado**

01-08-2019

**Periodicidade:** Semanal

**Classe:** Informação Geral

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 116250

**Temática:** Banca/Seguros

**Dimensão:** 2822 cm<sup>2</sup>

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 1/72 a 76

**Revelamos a lista dos 60 calotes VIP**

**EMPRESA DE LUÍS FILIPE VIEIRA  
DEVE 54 MILHÕES AO NOVO BANCO**

Sábado

01-08-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 2822 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/72 a 76

EXCLUSIVO. DOCUMENTOS REVELAM PERDAS MILIONÁRIAS

# TODOS OS NOMES DO CALOTE VIP DO NOVO BANCO



## A dívida desconhecida de Luís Filipe Vieira. A finta de Moniz da Maia às garantias. As dívidas das grandes famílias. Na venda do mau legado do BES a fundos-abutre está o retrato de uma era – e uma conta de 100 milhões para os contribuintes.

Por **Bruno Faria Lopes**

**F**oi ainda em 2016 que Luís Filipe Vieira e o Novo Banco começaram a falar sobre o que fazer à dívida da Promovalor, o grupo de Vieira. Depois de negociações difíceis, que duraram um ano e meio, o banco e o presidente do Benfica chegaram a um acordo de reestruturação de prazos que implicou um reforço de garantias reais e foi assinado no fim de 2017. Mas o acordo com o Novo Banco deixou uma ponta de fora – a Imosteps, de que Luís Filipe Vieira é acionista, que tem uma dívida de 54,3 milhões de euros, toda em incumprimento. A dívida está na lista, a que a **SÁBADO** teve acesso, de cerca de 60 grandes calotes de empresas que o Novo Banco está a vender a fundos-abutre internacionais, com risco potencial para os contribuintes. Há uma razão para Vieira não a ter incluído no acordo com o banco – a história por trás dessa razão ilustra, tal como outros créditos nesta lista, como foi sendo a feita gestão do BES e do Grupo Espírito Santo sob Ricardo Salgado.

A Imosteps – Promoção Imobiliária SA está registada em Portugal como tendo promoção imobiliária e construção como objeto, mas não é fácil saber que negócios e ativos tem. Para tentar perceber é preciso seguir um fio. É uma *holding*, ou seja, uma sociedade que gere participações noutras empresas. Tem 50% numa outra *holding*, a OATA SGPS, de que o próprio Novo Banco, o BCP e um conglomerado chamado AFA (que opera sobretudo em construção) são também acionistas minoritários. Esta OATA tem, por sua vez, uma sociedade norte-americana registada em 2006 chamada Mural International Enterprises LLC, com sede em Nova Iorque. A partir daqui deixa de ser possível seguir o fio com facilidade –



**Luís Filipe Vieira**

A Imosteps, que tem em atraso 54 milhões, ficou fora do acordo de reestruturação com o Novo Banco. A dívida nasceu de um favor a Salgado

**2,77 mil milhões**

Montante em incumprimento nos cerca de 60 créditos vendidos pelo Novo Banco, 86% do valor dos créditos

há apenas referências nos registos brasileiros a empresas participadas pela Mural, o que sugere negócios imobiliários no Brasil.

No meio de toda esta opacidade, o BES aceitou ser o principal financiador da *holding* Imosteps por uma razão: parte substancial dos ativos imobiliários problemáticos que estão no fim deste fio de empresas eram do Grupo Espírito Santo (GES), sabe a **SÁBADO**. A passagem para a Imosteps aconteceu no contexto de um acordo de cavalheiros. Vieira, que tinha uma relação privilegiada como cliente do banco e de grande proximidade com Salgado, ficaria com aquele buraco do GES. O BES continuaria a financiar esses ativos, via Imosteps, mas fora das contas do grupo da família Espírito Santo. A Imosteps tem Luís Filipe Vieira como presidente do Conselho de Administração, o filho Tiago Vieira e dois sócios habituais de Vieira, Manuel Almerindo de Sousa Duarte e José Pereira Gouveia, como administradores. Almerindo é também o presidente da OATA.

A resolução do BES, em 2014, acabaria por deixar o bebé nos braços da Imosteps – e de Vieira. O ano que se seguiu à resolução do banco foi muito mau para as *holdings*: na OATA os prejuízos em 2015 foram de 33 milhões de euros, o que resultou em cerca de 15 milhões em perdas para o acionista Imosteps. As dívidas acumularam-se.

A **SÁBADO** sabe que na Mural estão ativos imobiliários com valor, algo do conhecimento, e interesse, dos dois grandes fundos-abutre que estão a licitar a carteira de malparado do Novo Banco e que analisaram a fundo os créditos. Luís Filipe Vieira terá em breve a visita de um destes fundos – Bain ou Davidson Kempner – para tentarem recuperar uma parte do valor. A **SÁBADO**

**VIEIRA TERÁ EM BREVE A VISITA DE UM FUNDO-ABUTRE NORTE-AMERICANO POR CAUSA DA IMOSTEPS**



**Dinheiro**



**O legado de Salgado**

Estes são os 20 maiores devedores postos na carteira Nata 2, que tem 61 empresas e está a ser vendida a um fundo-abutre. Vários eram próximos do ex-presidente do BES

● Crédito total ● Em incumprimento

Valores em milhões de euros



**Bernardo Moniz da Maia**

A Sogema, um dos maiores devedores do banco, fintou as garantias dadas com aumentos de capital este ano

■ não obteve resposta às perguntas enviadas a Vieira. Casos como a Imosteps sugerem que há responsabilidades que estão a ser passadas para o Fundo de Resolução, financiado com empréstimos do Estado, que na sua essência faziam parte das responsabilidades do GES – e que deveriam estar no chamado BES mau.

**Sogema: uma finta à Berardo**

A Imosteps faz parte dos 20 maiores devedores na carteira, sugestivamente chamada Nata 2, que o Novo Banco está a vender a um fundo-abutre. A Nata 2 é um negócio inédito em Portugal. Por um lado é a maior carteira de malparado posta à venda no País, com créditos que somam cerca de 3,2 mil milhões de euros (o triplo do recorde anterior, a Nata vendida em 2018). Por outro, inclui uma série de devedores influentes e sofisticados – as famílias Moniz da Maia, Vaz Guedes e Horta Osório, os empresários Luís Filipe Vieira, Joaquim Oliveira e Manuel Matos Gil, entre outros – colocando-os sob pressão dos tipicamente agressivos fundos internacionais.

Conforme noticiou o SÁBADO, o Novo Banco vai vender a carteira com um desconto superior a 90% face ao valor nominal dos créditos, o que trará risco adicional para os contribuintes (como veremos mais à



frente neste trabalho). O desconto reflete a agressividade negocial dos compradores, mas sobretudo a má qualidade dos grandes créditos ali agrupados na Nata 2, não raramente devido a expedientes usados para fugir aos credores. Alguns dos casos piores estão no topo da lista.

O maior devedor atirado para a Nata 2 é a Sogema, a *holding* liderada pelo milionário Bernardo Moniz da Maia. Em 2016 a Sogema devia 603 milhões de euros ao Novo Banco. Uma parte dos créditos do antigo BES serviu para Moniz da Maia – que chegou a ser administrador de sociedades do GES – comprar ações do BCP durante a guerra acionista de 2007. Após a resolução do BES, e perante o incumprimento sucessivo, o Novo Banco ficou com o avião privado de Moniz da Maia (comprado por 15 milhões) e um iate de 75 metros (22 milhões). Estas foram duas das medidas que baixaram a dívida para 538 milhões, dos quais 99% estão em incumprimento.

Em maio deste ano uma fonte próxima do empresário disse à SÁBADO



**João Gama Leão**

O grupo de construção Prébuild, que financiou a sua expansão internacional no BES, tem 230 milhões em atraso

**Calotes**

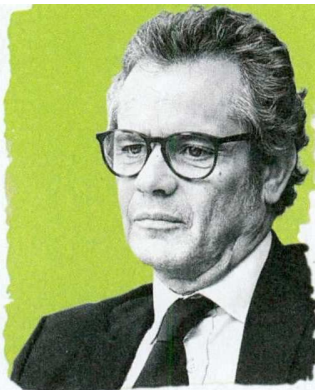
Quem compra pode ganhar rendibilidades até dois dígitos

Os fundos compram a desconto alto: na Nata 2 será próximo de 90%

Ganham, grosso modo, se recuperarem dívida acima do que pagaram

Montepio já vendeu uma carteira este ano e o BPI vai vender também

**CONSTRUÇÃO E IMOBILIÁRIO VALE MAIS DE UM TERÇO DA CARTEIRA À VENDA**



**Manuel Matos Gil**

O Novo Banco está a vender a dívida de 170 milhões do grupo Matos Gil (IMG), envolvido também nas dívidas à Caixa

DO que tinham sido prestadas garantias adicionais à banca. Parte das garantias incluía ações das empresas participadas pela Sogema, mas fontes com conhecimento sobre o crédito apontam que já este ano foram feitos aumentos de capital que diluíram as ações dadas como garantia – algo semelhante ao que Joe Berardo fez com os títulos da Associação Berardo. Nos registos públicos é possível confirmar que uma das joias da Sogema – a produtora de derivados de resina de pi-

nheiro Euro-Yser – fez um aumento de capital no início deste ano, de 1,6 milhões de euros para 11,4 milhões.

A SÁBADO perguntou a Moniz da Maia se o aumento de capital foi feito em mais sociedades e a pensar na diluição dos direitos dos credores. “Todas as decisões tomadas no âmbito do grupo tiveram o objetivo de reforçar a situação da empresa e sempre no estrito respeito pelos interesses dos diferentes intervenientes”, foi a resposta de fonte da *holding*. O Novo Banco não respondeu às perguntas da SÁBADO sobre como deixou passar esta manobra, que fragiliza o preço a que pode vender o crédito.

Para o fundo que comprar a carteira Nata 2, a litigância parece ser a via, com desfecho incerto, para tentar recuperar algum valor desta e de outras dívidas. Entre os maiores créditos há outras situações mediáticas na carteira que são de difícil recuperação, como a Ongoing de Nuno Vasconcellos (que desviou ativos de Portugal para o Brasil, como a SÁBADO detalhou em maio), a construtora Prébuild e a Legacy (para onde foram transferidos ativos tóxicos da Escom, do GES). Só estes créditos pesam 43% na Nata 2.

**Nomes de estimação - e outros**

As dívidas atiradas para a Nata 2 oscilam entre 538 milhões de euros e apenas 572 mil euros (a empresa de promoção imobiliária Henuip). As histórias variam também de gravidade. O colapso da Ongoing e as suspeitas de insolvência culposa diferem muito – em montante e género – das dificuldades de financiamento da antiga estrela tecnológica YDreams, liderada por António Câmara, que tem boa tecnologia própria e está na lista com uma dívida de 7,6 milhões de euros (1,2 milhões em atraso).

A construção e o imobiliário, castigados pela crise e pendurados na relação que tinham com o BES, são os setores mais representados e valem cerca de um terço do total da carteira. Além da Imosteps e da Prébuild, na Nata 2 estão as sociedades do também devedor do BPN Emídio Catum, a Londimo e a Paprefu, e





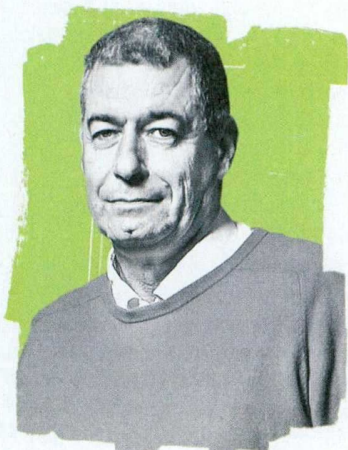
Os brasileiros da Asperbras, grupo que está a ser investigado pelo Ministério Público no âmbito de suspeitas de corrupção e branqueamento no Congo, num processo que envolve o ex-agente de futebol José Veiga. Devedores mais pequenos incluem a Temple de Vasco Pereira Coutinho (que dos 125 milhões iniciais de dívida tem agora 14 milhões e quase tudo em dia) ou o grupo Europa Ar-Lindo (8 milhões).

Nos maiores devedores há também indústria. Duas empresas são da área da energia – a Electricidade Industrial Portuguesa, da família Horta Osório (que também viu a Caixa Geral de Depósitos avançar para a recuperação judicial de uma dívida de 14 milhões de euros, segundo o *Expresso*) e a Energia Limpia, detida em 49% pela Sapec. Há uma empresa histórica no ramo do metal, a Previdente, e histórias mais recentes de azares como a Enerpellets, empresa de derivados de madeira que viu uma fábrica arder no incêndio de Pedrógão Grande, em 2017. A carteira do Novo Banco inclui *holdings*, incluindo a Gestinpar, pertencente à família Vaz Guedes – uma tia e um primo do empresário insolvente Diogo Vaz Guedes – com mais de 70% da dívida de 9,9 milhões em atraso.

Há também empresas de *media* (a

**António Câmara**

A YDreams, ex-estrela tecnológica portuguesa, entrou em dificuldades. A dívida de 7,6 milhões está a ser vendida



**1,28 mil milhões**

Verba que os contribuintes já emprestaram ao Fundo de Resolução desde a venda do Novo Banco ao Lone Star

**Fundos**

Compradores na corrida, os norte-americanos Bain e Davidson Kempener, são dos maiores fundos do mundo

**AS FAMÍLIAS VAZ GUEDES, HORTA OSÓRIO E MONIZ DA MAIA ESTÃO ENTRE OS DEVEDORES POSTOS NA NATA 2**



**Paulo Branco**

A Alfama Films, que tem *A Herdade* no festival de Veneza, tem quase toda a dívida de 2,3 milhões em atraso

Impala) e até de cinema. A Alfama Films, produtora de Paulo Branco – que acabou de ver o filme *A Herdade* selecionado para o prestigiado Festival de Veneza – tem quase toda a dívida de cerca de 2,3 milhões de euros em incumprimento. Branco, que já teve dificuldades financeiras no passado com outras empresas – e que recentemente abandonou o negócio da projeção de cinema no Monumental, explorado pela Medeia – estará sob pressão.

**Prejuízo de 100 milhões**

Todos estes créditos malparados não são apenas um problema de um banco privado – significam um risco potencial para os contribuintes. Primeiro porque já comeram capital do banco injetado pelo Fundo de Resolução em 2014 na resolução,

através das imparidades marcadas sobre os créditos. Depois, porque se o valor da venda dos créditos ficar abaixo das imparidades já feitas, o banco tem de registar uma perda. Essa perda vai rondar 100 milhões de euros, apurou a **SÁBADO** junto de fontes ligadas ao processo. É mais uma para juntar ao pedido do banco ao Fundo de Resolução no próximo ano, ao abrigo da garantia que foi negociada em 2017 com o comprador Lone Star. E como o Fundo de Resolução, alimentado pelas contribuições dos bancos, não tem dinheiro suficiente é o Estado que empresta. Até aqui os contribuintes já emprestaram 1,28 mil milhões de euros depois da venda ao fundo Lone Star, além dos 3,9 mil milhões emprestados em 2014.

O Novo Banco está agora a analisar as propostas financeiras dos dois fundos e as condições que estes apresentam para ficarem com os créditos que, segundo apurou a **SÁBADO**, são duras. Depois de seleccionar o comprador, a comissão de acompanhamento da venda do Novo Banco dará um parecer e o Fundo de Resolução terá de aprovar a venda. A expectativa é que aprove na generalidade, mas que exclua do pacote três ou quatro empresas, sabe a **SÁBADO**. Serão os casos de empresas em relação às quais o Novo Banco tenha recebido antes da Nata 2 propostas viáveis e mais favoráveis para o banco por aqueles créditos. Fundos portugueses mais pequenos, como a Athena ou a Core Capital, têm interesse em algumas das empresas viáveis da Nata 2.

A Bain ou a Davidson Kempner, que já apresentaram ofertas vinculativas, terão soluções diferentes para cada devedor. A venda de ativos, a recuperação das empresas, a venda destas a outro fundo ou a litigância são caminhos possíveis, dependendo de cada caso. Qualquer um destes fundos não tem amigos em Portugal, sublinham fontes da indústria – nem atenção por “nomes de estimação”, como lhes chamou em março deste ano no parlamento o presidente da comissão de acompanhamento da venda do Novo Banco. □